

DICIONARIZAÇÃO DO PALAVRÃO: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE INTERDIÇÃO DO DIZER NA PRODUÇÃO DE DICIONÁRIOS ONLINE

Ronaldo Adriano de Freitas

Vanise Gomes de Medeiros

Doutorando

RESUMO: No presente trabalho, apresento um recorte do atual estado de desenvolvimento da tese, intitulada “INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS EM REDE: ANÁLISE DISCURSIVA DE DICIONÁRIOS ONLINE”, que tem por objetivo a análise discursiva de dicionários online, pela interlocução teórica entre a Análise do Discurso e a História das Ideias Linguísticas. No recorte em tela, seguindo o panorama de classificação de dicionários online desenvolvido até o momento, trazendo desse universo de materialidades o que procuro compreender como dicionários autorais/editoriais; colaborativos; e automatizados. Assim, nessas diferentes formas de organizar dicionários, me atenho, para essa apresentação, ao objetivo de identificar pontos em que os diferentes tipos de dicionários analisados representem o registro material dos deslocamentos de sentidos, apresentando por sua natureza heterogênea, o dizer que pode ser outro: o censurado, o interdito, o já dito e o não dito. Para isso, analiso como termos tradicionalmente censurados por um funcionamento discursivo da moral são dicionarizados nesses diferentes instrumentos; tomando como elemento estruturador do

corpus dessa apresentação as chaves de busca que remetem às denominações populares para os órgãos genitais masculino e feminino; pensando, discursivamente, no tratamento dado nesses dicionários àquilo que popularmente se classifica como palavrão.

PALAVRAS-CHAVE: dicionários online, gramatização, palavrão, discurso.

Introdução

O objetivo do presente trabalho pode ser traduzido pela questão que orienta a composição do *corpus* na tese: *se, e como os dicionários online proporcionam modos de registro de sentidos que não comparecem/compareceriam em dicionários impressos*; de modo que buscam pontos sensíveis do dizer; termos que funcionam/funcionariam sob alguma espécie de censura ou interdição, o que passa a constituir o crivo definidor do *corpus* de análise.

Por sua vez, a análise a ser empreendida se apoia no que já desenvolvemos em capítulos anteriores, a respeito de dois funcionamentos que diferenciam o funcionamento desses dicionários dos dicionários tradicionais: a Colaboratividade e o Processamento Automatizado, caracterizadores de determinados dicionários online.

Nesse trabalho, apresento uma reflexão sobre os registros das designações dadas aos órgãos sexuais nesses dicionários, em comparação com as formas tradicionais de dicionarização. Para tal, apresento uma pequena reflexão sobre o funcionamento discursivo semântico gramatical dessas palavras, e procuro estabelecer uma relação entre esse funcionamento e a noção de hiperlíngua, (Auroux, 1998). A seguir, descrevo seu registro nos diferentes dicionários pesquisados e apresento uma breve análise das formulações apresentadas.

A questão da denominação dos órgãos sexuais pode num primeiro momento ser analisada pelo que se costuma designar em algumas áreas da linguística por “palavras tabu” ou “tabuísmos”. O Dicionário de Linguística, de Jean Dubois (et alii), analisa a existência de “palavras tabus (tabus sexuais, religiosos e políticos)”, cujo emprego ensejaria “a rejeição do falante pelo grupo social ou, pelo menos, a depreciação então ligada a seu comportamento”. (Dubois, apud CALBUCCI, 2012).

O estatuto linguístico dos palavrões

Discursivamente, nos interessamos aqui pela historicidade do tratamento dado a essas nomenclaturas em diferentes processos de significação. Petri (2018), em comunicação pessoal, relata a identificação, em sua pesquisa, da existência de prefácios em dicionários do sec. XIX que afirmam não registrar entre seus verbetes, palavras que designam os órgãos sexuais, uma vez que sua inclusão estimularia práticas indesejadas, o que seria, segundo a pesquisadora, marca de uma formação discursiva da moral na elaboração de tais dicionários.

Para Possenti, (2017) “O que faz uma palavra ser inadequada não tem sido um problema da linguística: um palavrão segue regras fonológicas, morfológicas e sintáticas” . O autor cita Paveau (linguagem e moral) para afirmar que “quem define o que é palavrão é a sociedade” e aponta os estudos da autora sobre os *folklinguistics* “como uma evidência de que há uma relação entre valores sociais e língua.” (p. 06) .

Caetano (2015) cita o psicanalista Arango, para quem o palavrão é sinônimo de palavra obscena, uma vez que viola as regras da cena social. “palavrões sempre mencionam partes do corpo, secreções ou comportamentos que suscitam desejos sexuais” (ARANGO 1991, p. 13). Para Arango, essas palavras deviam ser incluídas nos “dicionários das taciturnas academias do idioma” pois representam o vocabulário legítimo da vida cotidiana (CAETANO, 2015, p 84). Caetano conduz ainda sua reflexão para a historicidade das práticas de censura, afirmando que:

Os palavrões são considerados termos chulos para muitos, talvez por fazerem referências a partes íntimas do corpo humano ou ao ato sexual. É possível fazer essa relação por meio das vozes sociais ressoantes da repressão tradicional da Igreja que condenava a exposição do corpo ou a sexualidade. Dessa forma, é possível perceber que a própria noção do termo chulo tem por si só uma zona de tensão entre vozes que elegem o que é socialmente aceito e o que é rechaçado pela sociedade. (CAETANO, 2015, p 86).

Carvalho (2015) registra a experiência sobre o obsceno infantil realizada em um trabalho de campo em uma escola particular de ensino fundamental de participavam 18 crianças entre 6 e 7 anos (16 meninos e 2 meninas), segundo a autora,

No conceito construído coletivamente por essas crianças, implicadas junto a seus pares numa investigação sexual infantil, um palavrão é uma palavra arbitrariamente inventada por um outro (por Deus ou pela cultura), que elas não sabem o que significa (embora alguns desconfiem que se refira à realidade de seus corpos), mas que alguém decide que é feia. Para elas, a seleção das palavras feias é comunicada às crianças como num segredo compartilhado. Prosseguem entendendo que tais palavras não devem ser faladas porque são feias e falá-las consistiria em má educação, já que possuem potencial para ofender alguém[...] as crianças se colocam no lugar daquele que não sabem. (CARVALHO, 2015, p. 11).

Podemos então, a partir das leituras apresentadas, estabelecer os seguintes direcionamentos:

1. Há um conhecimento na língua que determina que certas palavras não sejam ditas em certos lugares.
2. Esse conhecimento é sócio historicamente construído.
3. Esse conhecimento é ensinado e aprendido;

Esses direcionamentos nos levam a Auroux, para quem a hiperlíngua designa um espaço/tempo estruturado pelos seguintes elementos:

- (i) diferentes indivíduos estabelecem entre si relações de comunicação;
- (ii) tais relações se efetuam sobre a base de competências linguísticas, isto é, de aptidões atestadas por sua realização;
- (iii) as competências linguísticas individuais não são as mesmas;
- (iv) os indivíduos podem ter acesso (direto ou indireto) a instrumentos linguísticos, com os quais têm uma relação imaginária;
- (v) esses indivíduos mantêm atividades sociais;
- (vi) as relações de comunicação têm lugar em ambientes determinados. (AUROUX, 1998, p. 19)

O modelo apresentado por Auroux para demonstrar as limitações de um modelo baseado no compartilhamento generalizado de uma gramática inata, de base empírica,

não se aplica a análise a uma análise discursiva dos processos produção de sentido, no entanto, oferece um caminho para pensar discursivamente esse funcionamento, uma vez que estabelece por essa via (empírica) um sistema de relações entre determinações do ambiente, atividades sociais e relação imaginária entre instrumentos linguísticos e realizações linguísticas.

Segundo o autor, esse modelo

se apoia (entre outras coisas) sobre o fato de que certas ocorrências são incompreensíveis se não se considera que elas têm, notadamente, por significação a remissão a outras ocorrências, ou seja, a representação de outras ocorrências. Falas como as trocas de todo dia, mas acontecimentos linguísticos, no sentido em que os novos historiadores especializados em análise do discurso (Guilhaumou) empregam esta expressão, ou seja, fórmulas elaboradas em circunstâncias precisas e que fazem época na memória coletiva (“Liberté, égalité, fraternité). Podemos aprender línguas gramaticais, mas vivemos e trocamos falas, em um ambiente dado, com a memória dos discursos e dos acontecimentos linguísticos. (AUROUX, 1998. P. 27)

O que nos leva a estabelecer as seguintes ligações:

1. As competências linguísticas relacionadas ao palavrão (como, onde e com quem (não usar) estão inscritas numa relação espaço tempo caracterizadora da hiperlíngua.
2. A gramatização de uma língua afeta e é afetada por esses usos – há diferentes formas de gramatizá-los ; incluindo a omissão, o banimento, o afastamento – e tais formas afetam o modo como o mesmo produz sentido em outras práticas discursivas.
3. O que torna uma palavra tabu ou obscena não é um componente intrínseco dessa palavra, mas um dizer sobre ela que a interdita.

Daí, pensarmos que não é a relação com o corpo ou com uma atividade x que torna impossível o uso de certa expressão, mas uma regra oculta, inscrita na hiperlíngua que opera em sua delimitação, produzindo um efeito que extrapola a designação de chulo, obsceno ou calão: trata-se de um efeito não materializado tradicionalmente no dicionário, pelo qual se produz eroticidade, asco, terror, depreciação...

Discursivamente, poucos trabalhos que dissertam sobre tabu/obsceno/palavrão foram identificados nessa primeira fase de pesquisas, exigindo que outras leituras sejam ainda encontradas. Trazemos aqui o trabalho de Valença (2014) que ao analisar o apagamento dos palavrões nas gravações comerciais do funk proibidão, aponta o uso do palavrão como marca da constituição do sujeito; e um funcionamento específico do processo de produção de sentido nessas gravações que continuam a funcionar com a marca desse lugar discursivo, que retorna na sobreposição das letras proibidas, com seus palavrões, cantadas pelo público, nos shows contratados pela versão comercial da gravação.

Tendo tais considerações por base, passemos a comparação dos diferentes modos de dicionarização propostos para esse trabalho. Por conta da limitação de tempo destinado a essa apresentação, nos limitaremos a uma entrada única para o exercício proposto, ampliando essa entrada quando os resultados encontrados forem pouco representativos.

O corpus

Para a definição do corpus consideramos a pesquisa realizada por Braga (2008), tese doutoral que, apoiadas na análise de conteúdo (Bardin), levantou e analisou uma série de designações dadas aos órgãos sexuais, figuram nas três primeiras posições em número de ocorrência, para os órgãos sexuais feminino e masculino respectivamente os termos: PERERECA, CHANA, BUCETA, PAU, PINTO, CARALHO. Uma vez que consideramos o buscador do Google como uma das formas de dicionarização possíveis, optamos inicialmente pelas chaves de busca BUCETA e CARALHO, por serem aquelas que, digitadas no Google, retornaram conteúdo de caráter erótico-sexual em suas primeiras ocorrências; diferentemente dos demais, que retornaram outros sentidos na página inicial de buscas.

Buscando atingir o objetivo de comparar as diferentes formas de dicionarização, desenvolvemos o levantamento em quatro grupos, a saber:

- a) dicionários impressos;
- b) dicionários autorais produzidos para impressão e migrados para a internet;
- c) dicionários colaborativos;

d) dicionários automatizados.

a) dicionários impressos;

Dicionário Brasileiro Globo. (1996); Mini Aurélio Escolar Século XXI (2001); e Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa conforme a nova ortografia (2009); sendo o primeiro, um dicionário enciclopédico com grande número de entradas.

As chaves de busca retornaram os seguintes resultados

DICIONÁRIO GLOBO

BUCETA – salta de “BUCENTAURO” para “BUCHA”.

BOCETA, (ê), *s.f.* Pequena caixa, de forma cilíndrica ou oval; caixa de rapé; (*bras.*) aparelho de pesca; (*bras.*) (*pleb.*) vulva; (*fig.*) *boceta de pandora*: origem de todos os males. (Do prov. bosseta).

VULVA, *s.f. (anat.)* Parte exterior do aparelho genital da mulher. (Do lat. *Vulva*).

GENITAL. *Adj. 2 gên.* Referente à geração; que serve para a geração. (Do lat. *Genitale*).

CARALHO – salta de “CARAJURU” para “CARAMANCHÃO”.

PAU e PINTO não recebem designação de órgão sexual.

DICIONÁRIO AURÉLIO ESCOLAR

BUCETA – salta de “BU.CAL” para “BU.CHA”.

BO.CE.TA, (ê), *sf.* **1.** Caixinha redonda, oval ou oblonga; **2.** *bras. chulo* vulva;

VUL.VA, *s.f. (anat.)* Parte externa dos órgãos genitais femininos.

GE.NI.TAL. *Adj2g.* **1.** Relativo à geração ou que serve para ela. **2.** *P. ext.* Relativo aos ou próprio dos órgãos genitais (*ger. externos*). [Pl.: -tais].

CARALHO – salta de “CARAJÁ” para “CARAMANCHÃO”.

PAU e PINTO não recebem designação de órgão sexual.

DICIONÁRIO SOARES AMORA

BUCETA – salta de “BU.CA.NEI.RO” para “BU.CHA”.

BO.CE.TA, (ê), *sf.* **1.** Caixinha DE vários formatos, para pequenos objetos; **2.** Caixa de rapé. **3.** *chulo* vulva;

VUL.VA, *s.f. (anat.)* Parte externa do aparelho genital da mulher.

GE.NI.TAL. *Adj 2gên .* **1.** Concernente a geração. **2.** que se refere à reprodução sexuada. Concernente aos órgãos sexuais humanos.

CARALHO – salta de “CA.RA.DU.RA” para “CA.RA.MAN.CHÃO”.

PINTO: *sm* pintainho que começa a cobrir-se de penas; franguinho; *2 gir.* Criança. *3 pop* o pênis.

PAU não recebe designação de órgão sexual.

b) dicionários autorais produzidos para impressão e migrados para a internet;

DICIONÁRIO HOUAIS

BUCETA: (nenhum resultado)

BOCETA:

substantivo feminino

1 caixinha redonda, oval ou oblonga, feita de materiais diversos e **us.** para guardar pequenos objetos *«uma b. de confeitos»*

2 (1899) **B, MAD** caixa de rapé

3 **B, MAD** bolsa de borracha para guardar fumo

4 (sXVIII) **B; tab.** vulva

5 **AGR; P** variedade de tangerineira

6 (1911) **PSC; B** tipo de aparelho de pesca

VULVA

substantivo feminino **ANAT**

conjunto das partes externas dos órgãos **genitais** femininos dos mamíferos [Na anatomia humana, compreende o monte pubiano, os grandes e pequenos lábios, o clitóris, o vestíbulo da vagina, as glândulas de Skene, as glândulas de Bartholin, a abertura da uretra e a vagina.]

GENTAL

adjetivo

de

dois

gêneros

1 relativo a geração

2 que gera; que se destina à procriação *«órgão g.»*

CARALHO

substantivo

masculino **tab.**

1 o pênis

interjeição **tab.**

2 expressão **us.** para demonstrar admiração, entusiasmo *«c., que maravilha!»*

3 expressão que indica indignação *«saia daí, c.!»*

DICIONÁRIO CALDAS AULETE

BUCETA: Não foi encontrado o verbete "buceta".

BOCETA:

sf.

1. Bras. Tabu. A vulva.
2. Caixa pequena, ger. cilíndrica ou oval.
3. Caixa de rapé.
4. Bras. Certo tipo de aparelho de pesca.

[F.: Do lat. *buxis -idis*, através do fr. *boîte*. Hom./Par.: *boceta* (sf.), *bocete* (sm.).]

Boceta

de

Pandora

1 Fig. A caixa de Pandora, que encerra (segundo a mitologia grega) todos os males do mundo.

VULVA

sf.

1. Anat. A parte exterior dos órgãos genitais da mulher e das fêmeas dos mamíferos em geral [Nos seres humanos é formada pelos grandes e pequenos lábios, monte pubiano, clitóris, vestíbulo da vagina, glândulas de Skene, glândulas de Bartholin, abertura da uretra e vagina.]

[F.: Do lat. *vulva, ae*. Ideia de 'vulva': *vulv(i)-, vulvo-* (*vulviforme, vulvovaginal*).]

GENTAL

a2g.

1. Anat. Ref. a geração
2. Que procria, que gera (aparelho genital)

CARALHO: (**ca.ra.lho**)

sm.

1. O pênis.
- interj.
2. Us. para exprimir espanto, admiração.
 3. Us. para demonstrar raiva.

c) dicionários colaborativos

WIKICIONÁRIO

BUCETA

Não confundir com [boceta](#).

bu.ce.ta, *feminino*

1. (*Brasil, coloquial, obsceno* ) [vagina](#), [vulva](#)

chave de buceta, *feminino*

1. experiência dada com a genitália feminina a alguém pelo ato sexual penetrativo excelente que faz ficar cativo ao desejo do prazer que traz

2014, Gregorio Duvivier, *Put some farofa*, Editora Companhia das Letras, página: ?

- *Quer conquistar o Walter? Dá uma **chave de buceta**.*
1988, ABC do Fausto Wolff, L&PM Editores, página: 199
 - *Levou de cara uma **chave de buceta** que nunca mais largou a senhora*
2005, Cyana Leahy, *106 falas de amor: (e seus cenários)*, Cyana Leahy Edições, página: 176
 - *uma chata que fodia que nem gente grande, mas não morei junto, apenas parei na dela, **chave de buceta**.*
2. ato de ter-se contraído os músculos vaginais a exercer pressão sobre algo posicionado no canal genital feminino
 3. usar-se de favores sexuais para conquistar favores diversos, como presentes por exemplo.

CARALHO

Substantivo[[editar](#)]

ca.ra.lho, masculino

1. (obsceno) [pênis](#)
2. (obsceno) utilizado também para dar ênfase a uma expressão, com conotação variável de acordo com o contexto

Sinônimos[[editar](#)]

- De 1 (pênis): [pau](#), [vira tripas](#)

Tradução[[editar](#)]

De 1 (pênis, chulo)

Interjeição[[editar](#)]

ca.ra.lho!

1. indica surpresa, espanto, indignação, raiva, elogio
- *Pára com isto, **caralho!*** (ênfase - raiva)
 - *Mas que **caralho!!*** (dito em situação complicada ou que não se resolve)
 - *Oh **caralho** de rosca!!* (Situação difícil de se resolver. Expressão corrente)

DICIONÁRIO INFORMAL

Buceta

69 Definições encontradas.

1. Buceta

[Significado de Buceta](#) Por [Marcelo \(SP\)](#) em 28-02-2007

Uma das inúmeras gírias utilizadas para definir o órgão sexual feminino, provavelmente a mais popular.

- *Meu sonho é vê-la pelada, com a **buceta** raspadinha.*
- *Ele tirou uma foto com a câmera digital da **buceta** dela.*
- *Mas que bela Mulher!!! Deve ter uma **buceta** maravilhoso!*

- Adoro **buceta!!** Sou loco por **buceta!!** Quero **buceta** e mais **buceta!!**
- Será que aquela mulher ruiva tem a **buceta** ruiva também?
- vivo em função de **bucetas**

•  3320  633

2. Buceta

Significado de Buceta Por [Marcelo \(RJ\)](#) em 25-06-2007

A palavra correta é boceta e era o nome de uma caixinha onde se guardava o fumo de rolo, no século XIV e, como o pênis era também chamado de "fumo", daí a correlação.

- Deixa eu guardar meu fumo na sua **buceta**?

•  1674  393

3. Buceta

Significado de Buceta Por [Jackson \(SP\)](#) em 06-07-2007

Interjeição de raiva.

- buceta!** Errei de novo!

•  1099  495

4. Buceta

Significado de Buceta Por [Major da SS \(DF\)](#) em 19-09-2008

Aquilo que os emos (ditos do sexo masculino), não gostam.

- Choro só de pensar em uma **bucetinha**.

•  828  387

5. Buceta

Significado de Buceta Por [WILLIAM JORGE ROSSI \(SP\)](#) em 13-12-2008

Além de VAGINA designação em anatomia, portanto, científica do órgão sexual feminino, era o nome com o qual também se designava uma pequena BOLSA para guardar moedas. Popularmente tem mais os seguintes nomes, não mencionados: priquita (ao dizerem "periquita" no NE), sumidouro, engolidor de rola, abrigo de rola, agasalho de cacete, perdição, big-mack, hamburguer, ninho de passaralho, gruta do prazer, monte de vênus, gruta do amor...

Ao ver as cenas eróticas do filme, sua vagina se entumescceu, lubrificando-se de modo a prepará-la para uma penetração, como se fôra a próxima parceira do galã, o que deixou a sua calcinha muito molhada...

•  574  144

[CARALHO](#)

79 Definições encontradas.

1. Caralho

Significado de Caralho Por Adelson Mendes de Assis (SP) em 20-06-2008

S.m.(o) . Cesta fixada no topo das antigas naus para vista dos marinheiros.

CARALHO

Segundo a Academia Portuguesa de Letras, CARALHO é a palavra com que se denominava a pequena cesta que se encontrava no alto dos mastros das caravelas, de onde os vigias perscrutavam o horizonte em busca de sinais de terra.

O CARALHO, dada a sua situação numa área de muita instabilidade (no alto do mastro) era onde se manifestava com maior intensidade o rolamento ou movimento lateral de um barco.

Também era considerado um lugar de castigo para aqueles marinheiros que cometiam alguma infracção a bordo.

O castigado era enviado para cumprir horas e até dias inteiros no CARALHO e quando descia ficava tão enjoado que se mantinha tranquilo por um bom par de dias. Daí surgiu a expressão:

-Vai pró caralho!

Hoje em dia, CARALHO é a palavra que define toda a gama de sentimentos humanos e todos os estados de ânimo.

Ao apreciarmos algo de nosso agrado, costumamos dizer:

-Isto é bom comó caralho

Se alguém fala conosco e não entendemos, perguntamos:

Mas que caralho estás a dizer?

Se nos aborrecemos com alguém ou algo, mandamo-lo pro CARALHO.

Se algo não nos interessa dizemos:

Isso não vale um caralho!.

Se, pelo contrário, algo chama nossa atenção, então dizemos:

Isso interessa-me comó caralho.

Também são comuns as expressões:

Essa mulher é boa comó caralho! (para definir beleza);

Essa mulher é feia comó caralho (para definir falta de beleza);

Esse filme é velho comó caralho (para definir idade);

Essa mulher mora longe comó caralho (para definir distancia)

Enfim, não há nada que não se possa definir, explicar ou enfatizar sem juntar um CARALHO.

Se a forma de proceder de uma pessoa nos causa admiração dizemos: Este gajo é do caralho

Se um comerciante está deprimido com a situação do seu negócio, diz: Estamos a ir pró caralho.

Se encontramos um amigo que há muito não víamos, dizemos: Onde caralho tens andado?

É por isso que vos deixo este cumprimento do CARALHO e espero que o conteúdo agrade comó CARALHO, desejando que as vossas metas e objectivos se cumpram, e que a sua vida, agora e sempre, seja boa comó CARALHO.

A partir deste momento poderemos dizer CARALHO, ou mandar alguém pro CARALHO com um pouco mais de cultura e autoridade académica ...

E tenha um dia feliz!

UM DIA DO CARALHO



2. Caralho

[Significado de Caralho](#) Por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 28-09-2006

Expressão de surpresa, espanto.

-Caralho, olha o tamanho daquele peixe!!

•  1649  348

3. Caralho

[Significado de Caralho](#) Por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 28-09-2006

Nome popular para pênis.

*A mulher disse que não importa o tamanho do **caralho**, mas sim a forma como é usado.*

•  1128  299

4. Caralho

[Significado de Caralho](#) Por [Dicionário inFormal \(SP\)](#) em 28-09-2006

Expressão de raiva. Serve para desabafar sentimentos de raiva, repúdio, desprezo.

*-O meu time perdeu novamente, mas que **caralho**!!*

•  784  184

5. Caralho

[Significado de Caralho](#) Por [Marcão \(SP\)](#) em 12-06-2007

Expressão que indica uma grande quantidade de coisas, ou pessoas, ou qualquer coisa. Normalmente precedida da preposição "prá".

*-Naquela esquina havia putas prá **caralho**.*

*-Levei porrada prá **caralho**, quando xinguei o corinthiano viado no meio da Gaviões.*

•  633  218

d) dicionários automatizados

DICIONÁRIO GOOGLE

Buceta

Nenhuma definição encontrada. [Pesquisar na Web.](#)

Boceta

ê/

substantivo feminino

1. caixinha redonda, oval ou oblonga, feita de materiais diversos e us. para guardar pequenos objetos.

"uma b. de confeitos"

2. caixa de rapé.

3. bolsa de borracha para guardar fumo.
4. BRASILEIRISMO BRASIL *tabuísmo* vulva.
5. PESCABRASILEIRISMOBRASIL tipo de aparelho de pesca.

Vulva

substantivo feminino

1. ANATOMIA GERAL

conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos. Na anatomia humana, compreende o monte pubiano, os grandes e pequenos lábios, o clitóris, o vestíbulo da vagina, as glândulas de Skene, as glândulas de Bartholin, a abertura da uretra e a vagina.].

Origem

⊙ ETIM lat. *vulva* (*volva*), *ae* 'vulva, útero, madre'

Genital

adjetivo de dois gêneros

1. relativo a geração.
2. que gera; que se destina à procriação.
"órgão g."
3. os órgãos genitais.

Origem

⊙ ETIM lat. *genitālis*, *e* 'que gera, fecundo, genital'

Caralho

substantivo masculino

tabuísmo

1. o pênis.
2. *interjeição*
expressão us. para demonstrar admiração, entusiasmo.
"c., que maravilha!"
3. *interjeição*
expressão que indica indignação.
"saia daí, c.!"

Origem

⊙ ETIM orig.duv.

Uma breve análise

Pode-se notar que há, na produção dos dicionários de papel, bem como nos que migraram para o online e no dicionário Google, a presença de uma formação discursiva da moral cristã, pela qual o sexo está vinculado estritamente à reprodução. A variante ortográfica “buceta” não é registrada em nenhum dos dicionários consultados, e o correlato “boceta” recebe primeiro a designação de caixinha, e só depois de vulva, que por sua vez remete a “genital”, e esse a geração; quanto ao órgão masculino, dos três termos mais populares segundo Braga (2008) apenas “pinto” recebe em Soares Amora a designação de pênis.

Mais que o silenciamento, há nas formulações que definem os órgãos sexuais um jogo de correspondência, pelo qual dizer buceta equivale a dizer vulva, porém, em uma forma chula, popular, plebeia; como se houvesse uma equivalência de um para um entre essas designações; apaga-se assim o que no interdito, opera significação, uma vez que a vulgaridade produz sentido, e esse sentido não é captado pelos recursos dos dicionários, que, ancorados no efeito de autoria, se reservam às “formulações desejáveis” na língua.

Apenas nos dicionários colaborativos a barreira da vulgaridade é quebrada, e os sentidos que não comparecem anteriormente são trazidos, se não em sua potência máxima pela definição; pelo estatuto dos exemplos. Não há nesses instrumentos o que Auroux apresenta como o contra-exemplo; pelo contrário, multiplicam-se os exemplos numa tentativa (acertada, diríamos) de extrapolar o que não se pode definir: o erotismo, o desejo, as práticas sociais; só nos exemplos dos dicionários colaborativos irrompe o que está interdito nos demais.

Em especial no dicionário Informal, que não estabelece nenhuma tipo de moderação e formatação para a produção dos verbetes, inscreve-se um sujeito que se distancia do especialista e produz sítios de significação em que sentidos em circulação na sociedade ganham lugar: o machismo, a homofobia, a necessidade e afirmação e as dúvidas... como se vê em:

1. Pinto

Órgão sexual masculino, pênis. Rola, pau, piroca.

O menino tinha o pinto pequeno, por isso ele cresceu traumatizado e nunca teve uma relação sexual.

No entanto, se há espaço para a vulgaridade e para os sentidos que nela se produzem, há também ali o silêncio: não há na designação do sexo masculino a mesma relação de eroticidade que se apresenta para “buceta”. A maior parte dos verbetes é produzida a partir da posição masculina; tanto para as definições do órgão feminino, quanto do masculino: são definições produzidas do lugar imaginário dos homens hétero para homens héteros, o que também diz sobre que lugar está autorizado a produzir sentidos na sociedade.

Considerações finais

As análises apresentadas ainda se encontram em andamento, mas o trabalho se mostra proveitoso por já permitir articular algumas teorias com as formulações em análise. A grande dificuldade da proposta tem sido a articulação de um corpus que ao mesmo tempo demonstre características importantes do funcionamento discursivo dos dicionários online, tenha relevo social e apresente unidade ao texto: o caminho que a presente análise conduz se mostra promissor, uma vez que os três campos que pretendemos mobilizar na tese: palavrões, política e gramática têm em comum o fato de se constituírem como áreas em que operam interdições e em que a resistência a essas interdições produz sentido.

REFERÊNCIAS

Auroux, S. *La raison, le langage et les norms*. Paris: Press Universitaire de France. 1998.

_____. Língua e hiperlíngua. In: *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, Pontes, n. 1, p. 17-30, jan./jun.1998.

BRAGA, Eliane Rose Maio. *Palavrões ou palavras: um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo*. 2008. 240 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101618>>.

CAETANO, Veridiana. *O palavrão em filmes brasileiros contemporâneos: um enfoque bakhtiniano* Tese de doutorado. Faculdade de Letras . Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre. 2015.

CARVALHO Cibele Noronha de. *Palavrão é tudo que tem no corpo de deus um estudo sobre o obsceno das crianças*. 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt07-4270.pdf>>

PETRI, V. Comunicação pessoal. Setembro de 2018.

POSSENTI, S. Apresentação. *Intersecções*, Edição especial temática linguagem e moral: algumas questões. Edição 23, ano 10, número 2. 2017. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes-ano-10-numero-2.pdf>

VALENÇA Marcio G. R. *Contornando o proibido: Quando não dizer é dizer*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal Fluminense -UFF. Niterói. 2014.